

J. Moraes

Comissão Nacional de Cultura Popular  
Ministério de Educação e Cultura.

Aurenice Cardoso

CONSCIENTIZAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO

Uma Visão Prática do  
Sistema Paulo Freire  
de Educação de Adul-  
tos.

Separata da revista "Estudos Universitários" - nº 4 - da  
Universidade do Recife.

Brasília, novembro de 1963

## CONSCIENTIZAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO

### Uma Visão Prática do Sistema Paulo Freire

Ao termos analfabetos adultos sob a nossa responsabilidade educacional, devemos pensar que tipo de trabalho poderemos desenvolver. Tratando-se de adultos, isto é, seres mentalmente desenvolvidos, que possuem um certo amadurecimento e ainda uma experiência de vida, haveremos de nos ocupar sobretudo com uma educação de grupos.

Mas, para que realizemos um trabalho organizado, poupando energias, teremos de submetê-lo a uma ordenação, de planejá-lo previamente, para que atinjamos nossos objetivos com a máxima economia de tempo e de esforços.

Disciplinaremos nosso espírito através de um método. O método implica numa série de processos, que se apresentam externamente através de uma técnica.

Quando método, processos e técnica sintetizam-se num conjunto de princípios e consequências, unitária e organicamente temos um sistema. Sendo mais amplo que o método deve o sistema se caracterizar pelo seu caráter funcional. Esta última dimensão nos possibilitará uma análise do sistema educacional brasileiro, tido como orgânico. Antes porém, levantáramos algumas perguntas: tem sido operante o sistema educacional brasileiro? Tem-nos levado a equacionar nossos problemas? Até que ponto integra o brasileiro na sua realidade?

Respostas a estas perguntas levam-nos a fazer considerações maiores e restrições à organicidade do sistema educacional brasileiro. É que ele se carrega de organicidade apenas/

2.  
intrinsecamente, enquanto método, processos e técnicas, e isso não basta, porque, enquanto se desvincula, se divorcia da realidade, a ela se superpõe. Perde portanto, o seu caráter/ de funcionalidade, uma vez que não corresponde a um espaço - tempo; isolando-se do contexto, esvazia-se e se torna inoperante.

Entendemos conseqüentemente, que para um sistema ser classificado orgânico, deva além da organicidade interna, travar relações com a contextura histórico-cultural. (\*)

Esta relação dialética permite que o sistema, na medida em que se enriquece com as modificações processadas no próprio contexto, se renove.

Investigações dessa natureza levaram o Prof. Paulo / Freire a elaborar não só um método ativo, mas um sistema de educação de adultos, que leva os analfabetos não só a se alfabetizar, mas a ganharem a consciência de sua responsabilidade social e política. O sistema proporciona ao homem muito / mais que o simples alfabetizar, pois através da discussão de problemas locais, regionais e nacionais torna-o mais crítico/ e o leva posteriormente a se conscientizar e a se politizar.

Encontramos homens que não sabiam quem era o presidente ou o governador, completamente defasados da época atual; interessante é observar que ao se iniciarem no diálogo assumem/ novas atitudes e criam novos hábitos.

O contacto inicial e direto que estabelecemos com a comunidade é durante a pesquisa do universo vocabular - etapa / realizada no campo e que é a primeira do Sistema Paulo Freire de educação de adultos.

Não é uma pesquisa de alto rigor científico, não vamos testar nenhuma hipótese. Trata-se de uma pesquisa simples e / que tem por objetivo imediato a obtenção dos vocábulos mais u

sados pela população a se alfabetizar.

Estabelecendo conversas informais com as pessoas da comunidade, referimo-nos ao plano de alfabetização; descrevemos/ o que é um "círculo de cultura", falamos na projeção e nas técnicas usadas, referimo-nos à rapidez com que um grupo se alfabetiza.

Investigamos de maneira hábil o que eles pensam, como vivem e o que desejam ser. Respostas diversas são obtidas, como por exemplo:

"Vivo como andorinha, sem ter morada", "Tirando do trabalho, gosto de largar vez assim pra missa"; "Eu apaixono um filme na rua"; "Aqui, a gente da caatinga não conhece divertimento"; "Nós vive na maior das pobreza"; "Desejo ser aboletado num canto, pra não viver mais aos imboléos"; "Gente pobre é mesmo do cabo da enxada" (Petrolina, Estado de Pernambuco); "Pobre não tem feriado"; "Quero ser gente porque gente tem uma classe melhor" (Ilha do Leite e Aflitos, Recife, Pernambuco); "A terra só tem vida porque o camponês trabalha"; "A união faz a força: se o desenhista desenha o prédio, é o operário que conhece o tijolo que constrói. - é as duas forças unidas que faz o progresso" (Brasília, D.F.); "O povo diz que moça não tem pensá"; "Estou azeitando o eixo do sol"; "O divertimento daqui é o grilo cantando e a gente dormindo 6 horas" (Cajueiro Seco, Jaboatão, Estado de Pernambuco).

Procurando sondar um pouco o grau de criticidade perguntamos a eles se acreditam em malassombrado, caipora, lobishomem; quando as respostas são positivas investigamos se já viram tais personagens e onde.

Alguns dizem que só têm medo de bicho do chão. Outros / que lobishomem é contrabando. Mais ainda: "Tenho muito medo"; "De tudo há, eu nunca ví, mas dizem que há"; "Tenho impressão,

que faz medo" (Ilha do Leite e Aflitos, Recife, Pernambuco); / "Malassombro é pantaforma, porque alma não existe" (Angicos, Rio Grande do Norte); "Falam que existe, mas é impressão da gente"; "Nós temos que ter medo dos vivos" (Osasco, São Paulo).

Obtemos dados sobre idade, profissão, assim como opiniões sobre o plano de alfabetização: "Não tenho mais idade, sou cruca" (idem Ilha do Leite, Aflitos; "Papagaio velho não aprende mais a falar"; "Água mole em pedra dura tanto bate até que fura"; "Queremos tirar o povo do cativeiro do analfabetismo"; "Estão até dando risada de mim"; "Minha mãe falava assim, o Nhambú que nasce sem rabo não cresce mais"; "Quem não sabe lê carrega a força para si mesmo"; "Quem não sabe lê arranja trabalho duro"; "Tenho fé em Deus de aprender embora tenha dificuldade"; "Quero aprender a ler pra seguir nas leis se puder / ser"; "O analfabeto é um homem perdido" (idem Cajueiro Sêco, Jaboatão, Pernambuco).

Além de sentenças e expressões colhemos as palavras mais usadas, sobretudo as mais carregadas de emoções. Algumas são regionais, outras locais, como: capiloçadas, soturno, bela ta, cintilante, biritá, camburão, puça, mangaeiro, braúna, serilho, etc.

Esse primeiro contacto é de importância relevante, porque no grupo vamos colher o material, que será apenas organizado, para posteriormente ser-lhe devolvido como um dos veículos de sua educação, através de debates.

As sentenças, além de constituírem objeto nosso de estudo numa perspectiva psicológica, filosófica, sociológica ou estética, são reenviadas aos grupos, através de pequenos jornais que entre eles circularão.

Destaca-se ainda a pesquisa como uma fonte de subsídios que facilitará a interação e a compreensão entre os diversos e

mentos do grupo nas futuras atividades do "círculo de cultura".

Enfatizamos êsses dados obtidos, porque não acreditamos que um material vindo de fora, importado de outras regiões, carregado de interesse que não os daquela população, distante dos problemas, da vida e da condição dos adultos possa ser eficaz.

É convicção nossa que dialogando com os analfabetos seus problemas, possam eles se tornarem mais críticos. Por isso é o diálogo a técnica fundamental do Sistema Paulo Freire, o qual coloca os analfabetos como participantes.

Só o diálogo leva o homem a reflexivamente se tornar responsável. E esta responsabilidade só se incorpora ao homem de maneira vivencial - daí a importância da educação como experiência de vida, que valoriza as relações aprendizagem-amadurecimento.

Se, numa análise psicológica, consideramos o amadurecimento condição primordial para a aprendizagem, é inegável por outro lado que, a experiência que se traduz numa aprendizagem, enriquece o ser humano, despertando-o para a vida, contribuindo para acelerar o seu amadurecimento.

Na própria pesquisa do universo vocabular, sentimos o valor de toda uma experiência dos analfabetos, quando ouvimos/sentenças como: "eu tenho a escola do mundo"; "povo tem resposta"; "quem é mais velho aprende mais, porque pensa e sabe tudo e presta mais atenção".

Afirmações dessa natureza chamam-nos a atenção para o teor de motivação que devem possuir as fichas e as "palavras / geradoras". "Palavras geradoras" são as palavras chave que, decompostas em seus fonemas, propiciam o surgimento de novas pela combinação daqueles. Assim, por exemplo, a palavra "favela" poderia gerar: favo, fivela, luva, leva, vovó, fala, lavava, fi

la, etc.

Apoiados no universo vocabular obtido, selecionamos vocábulos com dificuldades fonêmicas a serem dominadas pelos analfabetos, de maneira que, uma vez vencidas, possam ler qualquer texto que se lhes entregue.

Para isso, teremos de rever as dificuldades da linguagem portuguesa; além das consoantes, deveremos colocar situações de c (forte), c (brando), ç, rr, ss, ch, lh, g (forte) e (brando), que, gue, cl, cr, etc.

Para Cajueiro Seco (Recife), comunidade próxima aos Montes Guararapes, escolhemos as palavras geradoras seguintes: tijolo, voto, siri, palha, biscate, cimba, doença, chafariz, máquina, emprêgo, engenho, mangue, terra, enxada, classe.

Para Timbaúba, colônia agrícola da SUDENE, na cidade do Cabo (Pernambuco) escolhemos: tijolo, voto, roçado, abacaxi, caçimba, passa, feira, milho, maniva, planta, lombriga, engenho, guia, barracão, charque, cozinha, sal.

Com o material colhido em algumas pesquisas feitas em localidades diversas de Pernambuco, e apoiados no vocabulário do "trânsito" brasileiro (\*), conseguimos uma redução maior de palavras geradoras que nos possibilitaram uma unificação de situações para todo o Estado, sem comprometimento das zonas fisiográficas.

As palavras geradoras em número de dezesseis do vocabulário mínimo obtido, permitirão o suprimento de palavras do vocabulário ordinário das comunidades pesquisadas. Dessa maneira, a seleção foi viável e científica.

O vocabulário mínimo com o qual alfabetizaremos Pernambuco consta das palavras: tijolo, povo, farinha, terra, seca, casa, cego, guia, engenho, enxada, máquina, trabalho, chuva, breza, classe, eleição.

Lançamos as palavras geradoras escolhidas em situações/ existenciais do grupo. Cada palavra a visualizar se associa, ora ao objeto que representa (enxada), ora à situação t<sup>o</sup>da representada na ficha, como mangue.

Inauguramos as atividades do "círculo de cultura" discutindo com os analfabetos o conceito antropológico de cultura. O coordenador nada vai expor, ao invés, dialoga com os participantes, arrancando deles socráticamente algumas noções, levando-os a, de maneira reflexiva, tirarem suas conclusões.

A primeira ficha, que representa o homem diante do mundo, leva os analfabetos após a pergunta do coordenador "que vemos na ficha" a fazerem uma descrição oral. É conveniente salientar que o tratamento nós, integra o coordenador no grupo, aproximando-o dos participantes.

Quando investigados a respeito da atitude do homem, entendem que êle se relaciona com o mundo e o faz, explicam, por que tem ciência, pensamento, razão, juízo. O coordenador leva em seguida o grupo a observar que há coisas na ficha que o homem não fêz: a árvore, o monte, o pássaro, o porco e o homem; pertencem ao mundo da natureza e são os entes da natureza. Observam também que há coisas que o homem fêz, criou, como a casa, a cacimba e o chapéu do homem, objetos êsses que aparecem/na ficha projetada. O mundo das coisas que o homem criou é o da cultura. De debate em debate, descobrem os participantes que a cultura surgiu inicialmente como uma atitude resposta do homem para satisfação de suas necessidades vitais de sobrevivência. Dêsse modo, o homem ao sentir sede, cavou o chão e buscou a água. Ao ver-se desabrigado, usou a inteligência e fêz a casa e o chapéu e, com isso, fêz cultura.

As três fichas que se seguem, representam três caçadores: Um índio, um caçador da fase atual e um gato caçando um

rato.

Diante delas, os participantes identificam os objetos / de cultura e os entes da natureza. Alguns se referem às penas da tanga do índio, antes da natureza e depois da cultura, uma vez que o índio matou o pássaro, arrancou-lhe as penas, colocou-as num cinto, pintou-as e se vestiu com elas.

Através de uma análise maior, o coordenador fará que / percebam que, quando o homem descobriu que poderia prolongar o braço dez, vinte ou trinta metros e numa posição estratégica / conseguiu a sua presa, inventou um instrumento, o arco e a flecha e nesse momento fez cultura. Por outro lado, ao passar para os outros homens a técnica incipiente de fazer o instrumento, bem como o seu uso fez educação.

Surge então a educação da própria cultura, nela se embecendo e relacionando-se dialéticamente com ela.

Comparando os dois caçadores homens, distinguem a diferença faseológica entre eles, denominando o segundo de mais civilizado. Comentam as vestimentas de ambos e os instrumentos / de caça. Afirmam que, enquanto o índio faz um esforço enorme / para impulsionar a flecha, o outro caçador, feita a pontaria, gasta o mínimo de energia apertando apenas o gatilho da espingarda. Comentam o papel da tecnologia e o que representa para / o desenvolvimento.

O coordenador de debates discute ainda com o grupo a fase iletrada do 1º caçador, uma vez que correspondia a uma época em que a herança cultural se processava via oral e a fase / de sociedade letrada do segundo, quando a herança se faz preponderantemente através da leitura e da escrita.

Para que comparem o mundo humano com o animal, projetamos um diapositivo que representa um gato. O objetivo é mostrar a diferença ontológica entre os dois caçadores, distinguindo o homem por isso mesmo órbitas existenciais diferentes, /

enquanto o gato não.

Os analfabetos afirmam que o gato não tem razão e come o rato por instinto.

Num "círculo de cultura" um homem disse: "o gato pega o rato e só faz comer; o homem cuida do porco, engorda o porco, quer bem ao porco; quando mata o porco, come a sua carne, mas é capaz de fazer o seu couro um objeto de cultura".

As fichas que se seguem apresentam o homem trabalhando/ o barro e o homem lendo. O assunto central é o trabalho e o uso que o homem faz da matéria que a natureza lhe fornece e da qual ele faz objetos de cultura, dando uma forma à matéria.

Ao nomearem objetos diferentes que o barro poderão surgir, projetamos esses objetos, assim como quadrinhas ou trovas populares. A partir daí, interpretam o jarro de barro, a poesia, a música como cultura e que surge agora, como um acrescentamento que o homem faz ao mundo da natureza. Muitos descobrem-se criadores, quando percebem que o ímpeto criador é comum a todos os homens.

Para concluir, discutimos padrões de comportamento projetando o gaúcho e o vaqueiro nordestino. Observa o grupo os usos, costumes e hábitos dos dois e a diversidade regional dentro da unidade nacional. Passaram os comentários a gravitar em torno da resistência às mudanças. Considerações são feitas ao acúmulo da experiência humana e à urgência da erradicação do analfabetismo no mundo atual.

A alfabetização no Sistema Paulo Freire é uma consequência da conscientização. Uma vez introduzida no "círculo de cultura" e iniciado nas atividades pela discussão do que é cultura e mais adiante dialogando a respeito de problemas vitais/ e sociais, sente-se o analfabeto além do profundamente motivado, desinibido, inclusive pela dimensão nova que adquire de

ser capaz de criar. Torna-se auto-confiante e comporta-se já diferentemente.

Thorpe e Schumuller ao estudarem a aprendizagem dizem / que, se o homem não inventasse meios sempre melhores e mais numerosos de ajustamento a seu meio, o espaço, posteriormente se ria esquecido. Por outro lado, Wheeler afirma que se o homem / não fôsse capaz de se ajustar a seu ambiente atual, não poderia satisfazer sua necessidade de ajustamento a condições modificadas. E conclue parecer haver progresso consciente do comportamento de adaptação.

Embora a psicologia tenha terminologia e conceitos específicos, discordamos da denominação "ajustamento".

O pensamento dos autores citados revela o dinamismo e a abertura da pessoa humana, bem como a capacidade que tem ela de se modificar.

No entanto, é convicção nossa de que o homem apenas não se ajusta a seu meio, mas faz mais que isso, integra-se a êle, inteira-se mesmo.

Com poucos dias de funcionamento do "círculo de cultura" os analfabetos sentem-se espontâneos e num dêles, alguns / participantes tentaram coordenar os debates, conseguindo fazê-lo.

A alfabetização se processa por um método analítico-sintético, o da palavra-ação, que nos parece ven sendo bastante eficaz na alfabetização de adultos. Os métodos analítico-sintéticos alicerçam-se em princípios científicos, sobretudo nos de ordem psicológica, garantindo uma aprendizagem mais rápida. Neles, são empregados processos que partem do todo, decompondo-o em partes, para posteriormente recompô-las no todo.

Os princípios científicos a que os métodos analítico-sintéticos obedecem são de ordem psicológica e metodológica. A

primeira se faz representar pelo sincretismo, que é a capacidade psicológica que possuímos de reter o conjunto, o todo antes dos detalhes. A segunda é a globalização do ensino.

Consideramos ainda fatores da aprendizagem como: o interesse que a palavra desperta no grupo, a partir de algo conhecido para o desconhecido, do mais fácil para o mais difícil. Como a palavra representa algo de concreto tem uma significação/para os participantes, sendo de maior interesse e valor que uma letra.

Porisso mesmo, na alfabetização há uma tríplice associação em que surge inicialmente a idéia, a qual se associará ao objeto e à forma gráfica do vocábulo.

Resumindo, podemos dizer que os processos atuais de leitura são de natureza ideo-visual. As ajudas visuais propiciam maior fixação.

Uma vez desafiados com a ficha projetada, os analfabetos descrevem o que vêem e geralmente empregam palavras soltas ao se iniciarem. Cabe ao coordenador levá-los a fundamentar suas opiniões em bases mais críticas, quando lançam os "porque", "para que", "onde", "como".

A ficha engloba aspectos diversos da realidade; partimos para a conversação da realidade local, associando-a à regional e nacional, debatendo aspectos econômicos, sociais, políticos, sanitários, etc., a que as fichas ofereçam oportunidade. Esse debate deve dinamizar todo o grupo, levando todos a se expressarem mais racionalmente. Para isso, o coordenador reformula as respostas dadas em uma nova pergunta e a devolve ao grupo. Numa ficha que represente uma secção eleitoral, surge possivelmente a discussão sobre governo, democracia, participação do povo, responsabilidade do eleitor, condições para ser eleitor, título, voto do analfabeto, voto de cabresto, poder do voto, etc.

A ficha de tijolo, cuja situação sociológica pode cor -

responder a de uma construção em que se destaquem pedreiros trabalhando, dá oportunidade a assuntos diversos: o trabalho / no aspecto econômico, social, a política do trabalho, leis trabalhistas, valor do trabalho, espírito de solidariedade, relações do trabalho com a cultura, etc.

Concluído o debate, faz-se a associação do vocábulo - quando se atentar para o que está escrito na ficha e a que muitos analfabetos chamam de letrume. Inicia-se aí, a visualização do vocábulo, que continua numa segunda em que aparece a palavra isolada.

É conveniente salientar que a visualização não é a simples memorização, como fazia a escola tradicional na fixação / do a, b, c. Não é uma forma mecânica, ao invés é uma forma estrutural e orgânica, uma gestalt. Na compreensão da gestalt / da aprendizagem, os gestaltistas acentuam "a percepção de relações, a consciência das relações entre as partes e o todo, dos meios com as consequências" (\*).

Após a visualização, introduz-se o grupo na decomposição, como por exemplo: ti-jo-lo.

Da primeira sílaba ti leva-se o grupo a conhecer toda a família fonêmica resultante da combinação da consoante inicial com as demais vogais; seguidamente, leva-se o grupo a conhecer a segunda família fonêmica e posteriormente a terceira.

Ao se depararem com a família fonêmica, eles reconhecem apenas a sílaba da palavra visualizada. E de importância não é só conhecer, mas reconhecer, uma vez que só há verdadeira aprendizagem havendo reconhecimento: (ta, te, ti, to, tu), (ja, je, ji, jo, ju) e (la, le, li, lo, lu).

Reconhecido o ti de tijolo, o grupo o compara com as outras sílabas notando que começam iguais e se diversificam no fim e porisso cada um tem um nome.

Conhecendo-se cada família fonêmica separadamente, fa -

zem-se diversas leituras para que se fixem as sílabas novas. /  
Chega-se então ao momento das famílias já conhecidas aparece -  
rem juntas:

ta	te	ti	to	tu
ja	je	ji	jo	ju
la	le	li	lo	lu

Feita a leitura em horizontal, faz-se em vertical, a /  
fim de que os participantes notem que as sílabas agora se inici  
em diferentes e terminam iguais. Preparam-se para a decomposi  
ção da sílaba em letras.

Interessante é que diante dessa ficha, geralmente os /  
participantes descobrem a palavra visualizada ou outra, lata /  
por exemplo. É realmente importante, porque nesse momento ê-  
les apreendem o mecanismo da língua portuguesa, que é juntar /  
sílabas. Daí, denominarmos essa ficha de "ficha da descober-  
ta". É que não se fêz doação, nada se deu pronto ao analfabeto,  
mas êle descobriu.

Também êle aí se prepara para, êle próprio, montar o /  
primeiro subsistema do segundo sistema de sinalização pavlovi-  
ano, a que o Prof. Jarbas Maciel se refere no seu trabalho /  
sôbre a fundamentação teórica do Sistema Paulo Freire. Com ba  
se nesse subsistema, o próprio homem, posteriormente, juntará/  
as sílabas, escrevendo, e formará a palavra por inteiro.

A dimensão nova que lhe dá o conceito de cultura se faz  
constatar agora, quando se descobre lendo e escrevendo.

Finalmente, conhece as vogais e introduz-se na escrita.  
Interessam-se muito na formação de palavras outras que encon -  
tram. Da palavra tijolo poderiam forma: loja, jato, talo, ta  
to, lata, luta, tule, etc.

Na medida em que visualizam uma palavra geradora nova, do  
minam dificuldades fonêmicas diversas, até que após vencerem,  
tôdas, ficam totalmente alfabetizados.

Há dias dedicados à fixação do que foi apreendido, em que se exercitam em leituras individuais e coletivas, autoditados e jogos de fundamental importância.

Noções de maiúsculas, ponto final, acentuação são introduzidas na medida em que surgem as oportunidades. É conveniente observar que desde o início recebem palavras e sentenças / por êles formadas, batidas à máquina ou mimeografadas, para / que se identifiquem com a letra de imprensa.

Jornais são circulados, lidos e debatidos; pequenas composições, poemas e bilhetes são escritos. Provas são realizadas para avaliação do trabalho. Temos conseguido isso, numa média de 40 horas de atividade que correspondem ao período de aproximadamente um mês e meio ou dois meses.

Uma vez adquirido um instrumental tão valioso, começam a usá-lo. Como educação é atividade permanente continuamos o trabalho numa segunda etapa do sistema que se encontra em elaboração.

Estamos trabalhando intensivamente na montagem dessa outra etapa bem mais ampla que a primeira e esperamos que os resultados sejam positivos. Uma vez testada, publicaremos os resultados com fidelidade.

\* Freire, Paulo - Conscientização e Alfabetização; uma nova visão do Processo (em Estudos Universitários. Revista de Cultura da Universidade do Recife. nº 4, abr - jun, 1963.

\* PAULO FREIRE, "Educação e Realidade Brasileira" (tese), 1959  
 THORPE LOUIS e SCHMULLER ALLEN, "Les Theories Contemporaines de l'Apprentissage".

\*\*\*\*\*

Separata da revista "Estudos Universitários" - Nº 3 - da Universidade do Recife.